

## Artigo Original

### ARTETERAPIA COM CRIANÇAS ABRIGADAS

### ART THERAPY WITH HOUSED CHILDREN

Gilmar Alfredo Ribas<sup>4</sup>

Sonia Bufarah Tommasi<sup>5</sup>

#### Resumo

O objeto deste artigo é relatar o trabalho de Arteterapia realizado em uma instituição na cidade de Curitiba que acolhe e atende crianças com direitos violados, em situações de risco, que sofreram violência física (sexual ou outra) e psicológica e estão sob a tutela da vara da infância e da juventude. O processo aqui relatado foi desenvolvido em vinte e uma sessões, com nove crianças entre oito e onze anos de idade. O caminho metodológico seguido foi realizar um estudo descritivo e analítico, referente aos símbolos e expressões nas oficinas de Arteterapia, com base na Psicologia Analítica. Considerou-se a importância de analisar não só os comportamentos e falas dos participantes, mas principalmente, os sentimentos e conflitos que foram associados a partir das produções plásticas de dois estudos de casos de crianças que residem nesta instituição. Conclui-se que os objetivos propostos, que incluem estimular possibilidades, auxiliar no desenvolvimento do processo imaginativo, simbólico e expressivo; foram atingidos.

**Palavras chave:** Arteterapia; crianças abrigadas; psicologia analítica; símbolos.

#### Abstract

The purpose of this article is to report the work of Art Therapy carried out in an institution in the city of Curitiba that welcomes and attends children with violated rights, in situations of risk, who have suffered physical (sexual or other) and psychological violence and are under guardianship

---

4 Psicólogo com formação em arteterapia.

5 Psicóloga, Doutora e Mestre em Psicologia.

of the rod Childhood and youth. The process reported here was developed in twenty-one sessions, with nine children between eight and eleven years old. The methodological path followed was to perform a descriptive and analytical study, referring to the symbols and expressions in the art therapy workshops, based on Analytical Psychology. It was considered important to analyze not only the participants' behaviors and speeches, but mainly the feelings and conflicts that were associated with the plastic productions of two case studies of children residing in this institution. It is concluded that the proposed objectives, which include stimulating possibilities, assist in the development of the imaginative, symbolic and expressive process; were reached.

**Keywords:** Art therapy; children housed; analytical psychology; symbols.

## Introdução

Atualmente existem no Brasil 36.929 crianças e adolescentes acolhidos nas instituições pesquisadas, sendo a maioria meninos (52,3%), com idade média de 9,3 anos. Os três principais motivos para o acolhimento são: negligência da família, abandono, e nas situações em que os pais ou responsáveis são dependentes químicos/alcoolistas. São Paulo é o estado com maior número de acolhidos (13.144), seguido de Minas Gerais (4.308) e Rio de Janeiro (3.202), todos da região Sudeste (ASSIS e FARIAS, 2013).

Na primeira infância, ocorre um processo gradual de diferenciação, especialmente na relação mãe-criança. Aos poucos, essa condição primária se estenderá ao meio familiar e social, fazendo com que a criança vá se consolidando como um ser único e diferente.

Os primeiros anos de vida são muito importantes: ocorre a percepção do mundo, do outro, se desenvolve o campo afetivo-emocional, e comportamentos que giram em torno dos arquétipos. A capacidade de escolha se estabelece, rejeitar ou aceitar, são características intrínsecas necessárias ao desenvolvimento do ego. Ser agredido neste período da vida deixará marcas profundas na psique. Por isso a família saudável é de grande importância neste período.

Para (JUNG, 2008, p.113), “os símbolos apontam direções diferentes daquelas que percebemos e com a nossa mente consciente; e, portanto, relacionam-se com coisas inconscientes, ou apenas parcialmente conscientes”. Com a sua propensão de criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos em símbolos, conferindo-lhes assim enorme importância psicológica e lhe dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais (JUNG, 2008).

Os arquétipos se originam pela recorrência de experiências ao longo das gerações e sua noção permite compreender porque, por exemplo, em lugares e em épocas distantes aparecem temas idênticos nos contos de fadas, mitos, dogmas e ritos de religiões, nas artes, filosofia. No sentido positivo, o arquétipo da mãe, apresenta entre seus atributos: a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento. Mãe é amor materno. (JUNG, 2000). “Já o arquétipo paterno em seu aspecto positivo representa a presença protetora, o sábio rei da lenda, o justo legislador e juiz. Em seu aspecto negativo, ele é tirano monstruoso, o Deus grego Crono, que devorou seus próprios filhos” (FONTANA, 2010, p. 22).

A prática da Arteterapia se dedica a auxiliar o indivíduo, e, por intermédio das diferentes técnicas de fazer arte, expressar com mais facilidade seus conflitos e dificuldades, o que ocorre de forma simbólica.

A Arteterapia trabalha com materiais concretos, que permite a projeção destes conflitos sobre o material plástico, permitindo a elaboração dos mesmos. Para orientar a análise das expressões produzidas, buscou-se a teoria psicológica e analítica de Carl G. Jung. Considera-se que o processo arteterapêutico desenvolve o ser humano em sua totalidade psíquica, provocando reflexões existenciais, estimulando a criatividade, desenvolvendo as relações afetivas sociais e familiares, e que é, também, excelente método para fortalecer o ego, a autoestima, possibilitando uma melhor qualidade de vida.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é relatar o trabalho de Arteterapia desenvolvido com um grupo de crianças de uma entidade sem fins lucrativos, Casa Abrigo, que acolhe e

atende meninos e meninas com direitos violados e em situações de risco, encaminhados por órgãos competentes sob a tutela da Vara da Infância e da Juventude, na cidade de Curitiba. Esta entidade é uma associação que existe há mais de trinta e cinco anos e trabalha pela integração social, educação, orientação e fortalecimento de vínculos de crianças de dois a doze anos, visando a reintegração em suas famílias ou não havendo a possibilidade de retorno familiar a instituição acompanha o encaminhamento a famílias substitutas.

O caminho metodológico seguido foi realizar um estudo descritivo e analítico referente aos símbolos e expressões de dois casos selecionados nas oficinas de Arterapia, com base na Psicologia Analítica.

Esta pesquisa visa contribuir com os estudos sobre a Arteterapia aplicada a crianças abrigadas e fornecer subsídios para que outros pesquisadores e demais comunidades envolvidas no assunto, possam analisá-la e aplicá-la em situações pertinentes.

## **Desenvolvimento**

### **Metodologia**

A pesquisa é relativa a um estágio acadêmico obrigatório para obter título de especialista em Arteterapia na Faculdade São Fidélis (Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação - CENSUPEG). O processo aqui relatado foi desenvolvido em vinte e uma sessões, com nove crianças entre oito e onze anos de idade (sete do sexo masculino e duas do sexo feminino). A análise das expressões plásticas e das falas de duas crianças serão apresentadas como ilustração dessa intervenção. Foram utilizadas técnicas bidimensional e tridimensional, tais como: desenho; modelagem; colagem; contos; origami; fantoches; dedoche; cenário de sombras; pintura; instalação com fios e assemblage.

Foram avaliadas as produções plásticas, de modo qualitativo, levando em consideração todos os símbolos de um menino de onze anos e uma menina de dez anos. Em seguida foram analisados os seus significados de acordo com a Psicologia Analítica.

Os trabalhos foram fotografados e são utilizados neste artigo com prévia autorização dos responsáveis pela instituição, uma vez que os institucionalizados são menores de idade. Por questões éticas, os nomes dos participantes e da instituição não serão revelados.

Os principais aspectos que envolvem o histórico de vida das crianças que serão objetos de estudos são: a menina de dez anos será denominada F1 e foi abrigada por suspeita de abuso sexual. Consta que sua mãe não impediu que este fato se repetisse e, para protegê-la, os órgãos competentes a encaminharam à Casa Abrigo e a mantém neste local há cerca de três anos. Já o menino de onze anos será denominado M1, foi abrigado por ser órfão desde os quatro anos. A mãe morreu por desenvolver complicações advindas do vírus HIV. O sujeito é portador do vírus HIV, sem manifestação de sintomas. Têm problemas cognitivos por perda de massa cerebral decorrente de um acidente de carro que vitimou seu pai, quando tinha quatro anos e já esteve em outros lares adotivos. Por seu histórico de doenças e idade, os responsáveis pela Casa Abrigo afirmaram que uma adoção será muito difícil. M1 lida com a morte desde tenra idade, é muito difícil conhecer a profundidade de sua dor e o quanto a sua experiência de vida poderá lhe afetar na vida adulta. A ausência de uma estrutura familiar e de seus pais não estão consteladas de forma positiva em sua psique.

Na primeira oficina selecionada para análise aplicou-se a técnica do desenho, em dois momentos: deixar o lápis correr livremente, sem o mesmo sair da folha, buscar as formas criadas e colorir; no segundo momento elaborar um desenho livre. Os objetivos específicos foram: desenvolver a atenção, concentração, limites, precisão, coordenação viso-motora e espacial; estimular possibilidades; auxiliar no desenvolvimento do processo imaginativo, simbólico e expressivo; propiciar a autoestima.

Neste dia M1 não participou desta oficina, tendo apenas a participação de F1.

Ao se utilizar desenhos, pinturas com os vários tipos de tintas, lidar com os diferentes materiais, como técnicas de Arteterapia, entra-se em contato com os sentimentos, emoções, que provocam conflitos e por meio da expressão criativa, encontram-se soluções. "Desenhar é

dar asas à imaginação, é soltar, é se envolver com o que se tem para contar” (CHRISTO e SILVA, 2009, p.41).



Figura 1- Rabiscos de F1. Fonte: arquivo pessoal

Na figura 1 pode-se perceber que a participação de F1 na atividade foi intensa e mostrou que estava satisfeita por produzir os rabiscos, com ênfase nos traços circulares. Ao se observar o desenho percebe-se o emaranhado de linhas que formam um espaço confuso, caótico, sem entradas e sem saídas, não se sabe onde está o começo e o fim.



Figura 2 – Desenho livre de F1. Fonte arquivo pessoal.

No desenho livre apresentado na figura 2, F1 desenhou uma barca transparente que parece uma meia lua com uma bandeira bem no meio. No pano da bandeira F1 escreveu: “amigos para sempre” (SIC). Na base da bandeira desenhou uma flor que não foi colorida. Do

lado direito desenhou homens e do lado esquerdo mulheres, todos com roupas coloridas, de braços abertos, como se estivessem de mãos dadas e olhando para o observador. No canto superior direito desenhou o sol e no esquerdo e no centro, nuvens. F1 escreveu: “felicidade, amor, carinho, paz, carinho e alegria” (SIC). Para completar a composição desenhou o mar na cor azul e com ondas como se estivessem em movimento. F1 também escreveu a seguinte mensagem de páscoa para uma funcionária de referência (madrinha): “Obrigada por ser tão feliz, você é tão linda e bonita que eu até queria ser você, você é uma princesa e seus olhos brilham sem querer” (SIC).

Ao escrever na figura 2, F1 demonstra seu afeto com a funcionária da instituição, revela suas emoções e o vínculo saudável com uma pessoa adulta, exprime o desejo de ser como ela e elabora de forma inconsciente, como será quando adulta. Ao falar sobre sua produção F1 afirma: “Gostei mais da primeira atividade porque podia fazer rabiscos” (SIC).

“O desenvolvimento da imaginação está ligado ao lúdico, ao prazer, à criatividade e aos símbolos. A imaginação utiliza o símbolo para expressar conteúdos profundos da psique”. (TOMMASI e MINUZZO, 2010, p.31).

Em relação ao desenho livre da figura 2, destacam-se as análises simbólicas da nuvem e do barco. De acordo com os autores, a nuvem está revestida de diversos aspectos que revelam a sua natureza confusa, indefinida, indiferenciada, metamórfica. Já de acordo com o esoterismo islâmico, a nuvem é a manifestação da nebulosidade da vida corrente. (<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/nuvem/>). A nuvem e a expressão de rabiscos revelam o estado emocional confuso de F1, pois demonstra gostar das pessoas que cuidam dela e ao mesmo tempo sente raiva por estar ali.

Simbolicamente pode-se dizer que F1 está se sentindo confusa e com uma situação indefinida. O sujeito diz que gosta da Casa Abrigo e de seus amigos, mas falta a presença de sua própria casa na companhia de seus pais, o que lhe causa um sofrimento psicológico.

Para Chevalier e Gheerbrant (2015), a nave (embarcação, barca) evoca a ideia de força e de segurança numa travessia difícil. O barco representa a viagem cumprida ao longo da vida

ou à travessia em direção à vida, ao nascimento. Em termos simbólicos, o barco representa genericamente quase todos os tipos de embarcações, e significa proteção e segurança. O simbolismo inconsciente ultrapassa geralmente o domínio do reprimido, do censurável e pode ser que ao se expressar criativamente o sujeito toma consciência dos significados difíceis de sua dor.

F1 pode ter simbolizado que se sente segura e protegida na instituição mesmo estando em situação difícil ou que deseja o seu renascimento, sendo adotada por outra família ou retornar para os seus familiares.

Na segunda oficina aplicou-se a técnica do origami. Os objetivos específicos foram: desenvolver a concentração, a precisão, o cognitivo e o motor; desenvolver limites, estimular possibilidades; auxiliar no desenvolvimento do processo imaginativo, simbólico e expressivo; propiciar a autoestima e motivar o relacionamento interpessoal. Após a escolha do papel com determinada cor, elaborar um origami seguindo os passos propostos e depois montar um painel.



Figura 3 – Painel com origami de F1. Fonte arquivo pessoal.

Na figura 3 observa-se que F1 fez várias dobraduras conforme orientações, depois montou um painel com cartolina. Dentro do sol e das nuvens que se parecem com o símbolo do infinito, escreveu: “Minha casa é linda. Gosto da minha casa porque eu tenho muitos brinquedos e amigos. Minha casa é muito legal e colorida de todas as cores. Também eu tenho um quarto só para mim com todos os brinquedos. Eu adoro animais peludinhos. Adoro desenhar e pintar

e comer hambúrguer e x-salada, hum. Eu adoro nuvens porque é muito massa, se fosse meu travesseiro ia ser bom demais” (SIC).

F1 sente necessidade de se expressar em palavras escritas, fixando assim seu pensamento. A palavra escrita tem força e poder de materialização. Não se conhece a casa real de F1, mas ao descrevê-la, pintá-la, desenhá-la, ou dobrá-la, F1 dá vida a sua imaginação, pois pode criar a sua casa interior e satisfazer os seus desejos mais secretos. O tema do regresso está presente nos mitos e contos de fada, quando o herói ou heroína após passar por muitas provações, encontra o caminho que o conduzirá ao lar, pois como afirma Doroty no conto *O mágico de OZ*: “Não há lugar no mundo como a nossa casa”. A esperança de retorno e de encontrar um quarto só seu, fortalece F1 a cada dia. Por isso sua casa têm onze janelas e quatro portas, que embora estejam fechadas neste momento, são aberturas para novas possibilidades de relacionamentos afetivos.



Figura 4 – Painel com origami de M1. Fonte arquivo pessoal.

Conforme verifica-se na figura 4, mesmo dentro de suas dificuldades cognitivas, M1 fez várias dobraduras e depois montou um painel de cartolina com árvore, casa, sol e cachorro, “Eu gosto de pintar, brincar com meus brinquedos e videogame” (SIC). Sua produção demonstra que várias áreas de seu cérebro estão preservadas. O sujeito soube reproduzir as dobraduras seguindo as orientações e compôs o seu painel com alegria. A habilidade psicomotora fina de M1 não está comprometida. O nível mental de observação, compreensão e reprodução também

não estão comprometidos. M1 necessita de mais estímulos artísticos para desenvolver seu campo mental. M1 coloriu sua casa com cores fortes e escuras, no telhado pintou uma pirâmide, na qual deixou claro seu conhecimento de perspectiva. As pirâmides, as mais conhecidas, são os túmulos dos reis e rainhas do Egito, portanto, está relacionada a morte e ritos mágicos de renascimento.

#### Praticar o origami contribui para o desenvolvimento sensório-motor.

Na prática do Origami, a manipulação da folha de papel, como amassar, torcer, enrolar, dobrar, quando realizada de maneira descontraída, como se fosse uma brincadeira, contribui para o desenvolvimento sensório-motor da criança e do ser humano em qualquer fase da vida, e ao mesmo tempo facilita o conhecimento do próprio corpo (TOMMASI e MINUZZO, 2010, p.44).

#### O origami favorece o desenvolvimento da criança e o autoconhecimento.

O Origami é um estímulo interdisciplinar que favorece o desenvolvimento da criança no processo de aprendizagem e sua intervenção com o meio. A construção do conhecimento por meio da observação e da ação produz a aquisição de valores sociais e afetivos, facilitando a compreensão da linguagem e o autoconhecimento. (TOMMASI e MINUZZO, 2010, p.45).

Para o autor Lexicon (2013), a psicanálise considera a árvore um símbolo importante, quase sempre em relação simbólica com a mãe, com o desdobramento psíquico-espiritual ou, então, com o definhamento ou degenerescência. “O simbolismo mais conhecido da árvore é de símbolo da vida, representando a perpétua evolução, sempre em ascensão vertical, subindo em direção ao céu” (<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/arvore/>). “Serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração”. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p. 84).

M1 e F1 fizeram origami de uma árvore, provavelmente, porque estão em busca de alternativas que levem a superação de seus conflitos e este desejo estimula a energia psíquica que circula pelo sistema nervoso central e periférico, a buscar alternativas que incluem a adoção por outra família ou retorno a sua família (no caso de F1). No entanto, devido as suas idades, esta situação é muito difícil de solucionar-se.

A árvore pode estar simbolicamente associada ao arquétipo do *Self*, símbolo da totalidade e também pode expressar a imagem da própria pessoa, evidenciando o seu

crescimento e desenvolvimento; além de poder conter um aspecto maternal, provendo-nos com sua proteção, sombra, abrigo, dando-nos frutos que alimentam, transmitindo solidez, permanência e enraizamento estável. (TORRES, 2011).

De acordo com Jung (apud FONTANA 2010), um indivíduo é psicologicamente saudável quando o consciente e o inconsciente estão em equilíbrio dinâmico. A energia psíquica flui da inconsciência para a consciência para satisfazer as demandas desta última e na direção oposta para satisfazer a inconsciência. Qualquer interrupção nessa progressão ou regressão é uma falha em reconciliar as forças opostas que compõe a psique humana e conduz ao conflito. Em outras palavras, nós nos movemos em direção a saúde psicológica quando reconciliamos nossas energias arquetípicas conflitantes. “Em todos os casos de dissociação é, portanto, necessário integrar o inconsciente na consciência. Trata-se de um processo sintético denominado processo de individuação.” (JUNG, 2000, p.49).

A consciência, porém, parece ser essencialmente uma questão de cérebro, o qual vê tudo, separa e vê isoladamente, inclusive o inconsciente, encarado sempre como meu inconsciente. Pensa-se por isso de um modo geral que quem desce ao inconsciente chega a uma atmosfera sufocante de subjetividade egocêntrica, ficando neste beco sem saída à mercê do ataque de todos os animais ferozes abrigados na caverna do submundo anímico. (JUNG, 2000, p.30).

Para os autores Chevalier e Gheerbrant (2015), a casa é um símbolo feminino, com o sentido de refúgio da mãe, de proteção e de seio maternal. A casa significa o ser interior. Seus andares, seu porão e sótão simbolizam diversos estados da alma. Nos sonhos com casa, a psicanálise reconhece vários significados. O exterior da casa é a aparência do homem; o telhado é a cabeça e o espírito, o controle da consciência. Os andares inferiores marcam o nível do inconsciente e dos extintos. A cozinha representa o momento de evolução interior. “A casa funciona, dentro das produções da imaginação material, como um abrigo, como um princípio de integração dos pensamentos, das lembranças e dos sonhos, em suma, como um valor de integração psíquica”. (MELO, 2001, p.1).

F1 e M1 ao incluírem o origami da casa em seus painéis, podem ter representados os seus pensamentos em uma mãe para protegê-los que queriam ao lado deles no lugar das ‘mães do abrigo’ que são compartilhadas com outras crianças.

Na terceira oficina aplicou-se a técnica de modelagem com massa. Os objetivos específicos foram: desenvolver a coordenação motora, estimular a criatividade e a concentração. A modelagem é estruturadora, é usada para dar forma concreta ao inconsciente. Facilita o encontro do ser humano com o seu interior e com seu inconsciente, possibilitando o autoconhecimento. Descarrega tensões e agressividade, proporcionando relaxamento físico e emocional. Possibilita o trabalho com todos os—sentidos, principalmente: visual, tátil e sinestésico.

"As atividades de elaboração de escultura em massinha, desenvolve a concentração, a ansiedade, o tato e a capacidade de construção" (ACAMPORA, 2014, p.38). Para (REIS, 2002, p.73), "as atividades com massa de modelar e argila permitem que a criança exerça sua criatividade com um material tridimensional". São materiais que estimulam novas conexões neuronais, as quais buscam solução para o desafio proposto e para dar forma a imaginação.

Foi solicitado para manusear, fazer bolinhas e produções com as massinhas de modelar. F1 fez uma esfera cheia de espinhos (palitos), conforme a figura 5.

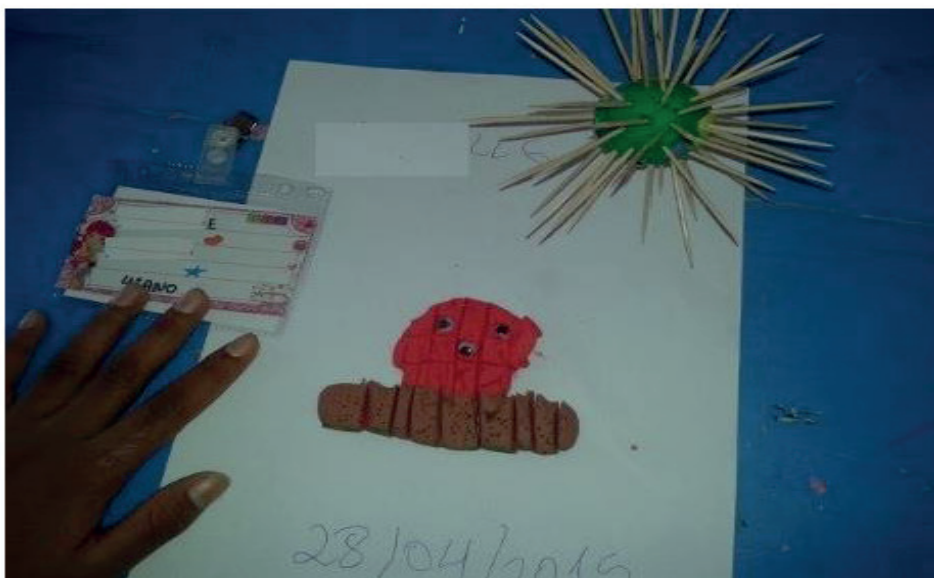


Figura 5 – Modelagem de F1. Fonte arquivo pessoal.

Para os autores, os espinhos simbolizam os problemas que estas crianças têm na vida, ou seja, sofrimento psíquico e psicológico pelo afastamento de sua casa e de seus pais. "O empinho embora defenda a planta, simboliza o obstáculo, a dificuldade, o lado áspero da vida. Os espinhos são símbolos do castigo do pecado" (FLORISTÁN, 2002, p. 483). "O espinho evoca

idéia de obstáculo, de dificuldades, de defesa exterior e, por conseguinte de abrodagem áspera e desagradável". (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p.397). F1 foi a criança que utilizou a maioria dos palitos da caixa de 100 palitos na sua produção como se fossem espinhos, o que pode significar que o sujeito esteja sofrendo bastante na instituição e longe de sua família. Também, pode ser que neste momento F1 teve oportunidade para expor sua agressividade e autodefesa. O porco espinho não agride apenas se defende se sentir ameaçado. Nesta expressão o inconsciente se manifesta sem expor a fragilidade e carência afetiva de F1.

F1 falou que gostou de fazer aquela produção, mas não aprofundou seu sentimento. No entanto, sabe-se que ela quer voltar a conviver com sua mãe e fica chateada quando alguma criança volta ao convívio de sua família. F1 questiona a assistente social porque alguns colegas que estão há menos tempo na instituição voltam para a casa deles e ela não. F1 em alguns momentos apresenta certa resistência em participar das oficinas de Arteterapia, modo que ela utiliza para mostrar sua insatisfação e irritação em permanecer na Casa Abrigo e simbolizou este sentimento na esfera com espinhos.

De acordo com a figura 6, M1 representou algumas letras do seu nome e desenhou o sol com massinha de modelar.



Figura 6 – Modelagem de M1. Fonte arquivo pessoal.

Conforme os autores, “o sol simboliza a luz, o amor, a paixão, a vitalidade, o conhecimento, a juventude, o fogo, o poder, a realeza, a força, a perfeição, o nascimento, a morte, a ressurreição, a imortalidade” (<http://www.dicionariodesimbolos.com.br/sol/>). “Para os incas, o sol era um ancestral divino, cujos templos eram extravagantemente decorados com ouro, cor à qual é mais associado. “Em astrologia, o sol é símbolo de vida, dia, luz, autoridade, sexo masculino e de tudo que brilha. [...] Entre os povos de mitologia astral assim como nos desenhos infantis e nos sonhos, o sol é símbolo de pai.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p.839).

O sol está ligado aos deuses masculinos que representam força e vitalidade. A figura 6 apresenta um sol forte. Isto simboliza que M1 está vivenciando o seu sol interior e significa que ainda há vitalidade psíquica para ter esperança em ser adotado. M1 disse que gosta do sol e não falou sobre seus pais. O estagiário só soube que ele era órfão pelo relato dos funcionários da Casa Abrigo.

M1 além de órfão, é tímido, retraído, tem baixa autoestima é inseguro e sempre diz que não sabe fazer as atividades, característica típica de algumas crianças abrigadas. O sujeito foi estimulado a desenvolver os trabalhos dentro de suas possibilidades, sabendo que não existe o certo ou errado, feio e bonito nas produções. Embora com insegurança, M1 sempre concluiu as atividades.

O estagiário teve a oportunidade de acompanhar alguns momentos de visitas de pessoas que levavam presentes e doces e participavam de um lanche comunitário com os internos. Esta situação retirava-lhes a atenção e os sujeitos ficavam agitados, ansiosos e ficava claro a necessidade de terem atenção, carinho, e de ter contato com outras pessoas, brincar, receber presentes, novidades, compatíveis das crianças de sua idade. Ficava evidente o seu papel social de criança abrigada (*Persona*). Ao mesmo tempo, sua *Sombra* ficava escondida, ou seja, suas mágoas e ressentimentos por terem sido maltratados por seus pais ou outro motivo que foi responsável pelo afastamento de suas famílias. As crianças abrigadas não falam sobre os seus sentimentos ou motivos pelo quais estão neste local. “O arquétipo da sombra é uma

expressão dos desejos básicos e antissociais que desejamos enterrar no inconsciente, que sentimos que pode nos impelir a atos destrutivos, se perdermos o controle sobre ela”. (FONTANA, 2010, p.25).

Para se compreender o ser humano como um sistema que se reflete, se regula e que se determina, se faz necessário conhecer o seu sistema social, familiar, contexto cultural em que nasceu e cresceu. Principalmente conhecer a fase infantil, quando ocorre o desenvolvimento da personalidade. No inconsciente pessoal se reúnem os complexos, conjuntos de energias e afetos que refletem o condicionamento do início da vida. É nesta camada da psique que ficam armazenadas imagens, memórias afetivas, daqueles que tiveram efeitos sobre a nossa vida e que irão afetar os relacionamentos futuros. Os complexos, também, mostram a influência do meio ambiente cultural, as características de classe, raça, sexo, religião, política e educação. No centro de cada complexo reside uma imagem arquetípica.

### **Considerações finais**

Na infância são grandes os desafios para uma criança, mas elas sempre têm a proteção e a orientação de seus pais e familiares. Geralmente são cuidadas com amor e carinho. Porém, não foi isso que ocorreu com as crianças desta pesquisa. As crianças da Casa Abrigo trazem histórias de agressão física, emocional, abuso sexual e desrespeito moral. O menino M1 está com onze anos, está no abrigo desde os quatro anos por ser órfão e é portador do vírus HIV sem manifestação da doença. Já a menina F1 está no abrigo há três anos por suspeita de abuso sexual. Seus olhos não expressam mais a inocência e a alegria. O olhar às vezes está distante, vazio, talvez, em alguma lembrança que lhe cause medo e angústia.

As experiências afetivas interindividuais desenvolvidas durante a infância marcam para sempre e determinarão como serão os futuros relacionamentos. A mãe ou um cuidador substituto competente - com a qual estabelecerá relações de apego, vêm assegurar e favorecer o seu desenvolvimento biopsicoafetivo e minimizar prejuízos psíquicos decorrente da separação de sua mãe (BÖING e CREPALDI, 2004).

Bowlby (1984 apud BÖING e CREPALDI, 2004, p.214) descreve três estados da reação à separação manifestados pela criança: protesto intenso, seguido de desespero e desligamento. A ausência de cuidados maternos da própria mãe ou de uma substituta capaz, aliada a pessoas e eventos estranhos, conduz “à tristeza, à raiva e à angústia nas crianças com mais de dois anos de idade, bem como a reações comparáveis, embora não tão diferenciadas, nas crianças com menos de dois anos”.

Na equipe de trabalho de uma Casa Abrigo é fundamental a presença do arteterapeuta. É papel do arteterapeuta acolher as angústias e sofrimentos com amor e carinho, abrir espaço para as expressões criativas, sem esquecer-se de ver a situação objetivamente. Ao abrir espaço para a imaginação criativa, para a fantasia, busca-se a psique saudável que existe dentro de cada um.

A Arteterapia disponibiliza técnicas que estimulam a capacidade de criar imagens, formando assim, uma estância entre o mundo consciente e os mundos subjetivos. Ao desenhar, pintar, modelar, dobrar, ouvir e contar histórias, libera-se os desejos internos, e neste momento tudo pode acontecer. Crianças sofridas se transformam em lindas princesas, lindos príncipes, que moram em castelos magníficos. O mundo do faz de conta se torna real dentro do imaginário. Neste momento a psique ganha forças para se manter saudável.

Destaca-se que o uso de materiais expressivos e tridimensionais, como a massa de modelar, provocou reflexões interiores, sentimentos e emoções que estavam bloqueados. F1 utilizou muitos palitos na sua produção como se fossem espinhos, o que pode significar que o sujeito esteja sofrendo bastante longe de sua família. Também, pode ser que neste momento teve oportunidade para expor sua agressividade e autodefesa. M1 modelou um sol forte. Isto simboliza que M1 está vivenciando o seu sol interior e que ainda há vitalidade psíquica para ter esperança em resolver o problema de ser adotado.

Em outra oficina, F1 e M1 elaboraram casas em seus painéis com origami e podem ter representados os seus pensamentos em uma mãe para protegê-los que eles queriam ao lado deles no lugar das “mães do abrigo” que são compartilhadas com outras crianças.

Apesar dos sentimentos conflituosos, as crianças da Casa Abrigo contam com o apoio da estrutura do local, com amor de cuidadores e de voluntários e a companhia de muitas outras

crianças da mesma idade, minimizando suas dificuldades e configura-se um ambiente de uma grande família com muitas mães e muitos irmãos.

A Sra. L. responsável pela Casa Abrigo recebe o papel de grande mãe substituta, a que veio lhes dar força interior para superar as adversidades. Estas crianças foram retiradas de seus pais e/ou estão sem família e estão desorientadas. Sra. L. está no papel da grande mãe. A mãe é a segurança do abrigo, do calor, de ternura e de alimentação.

Acredita-se que falta na instituição a figura paterna de referência com a mesma intensidade que a figura da mãe de referência. A figura paterna é importante porque lhes daria segurança, regras, valores, amor, carinho e exemplo de atitudes.

Ao utilizar a Arteterapia para cuidar do outro, o arteterapeuta lida com sua criança interior, portanto, ele pode e deve manifestar seu carinho, coragem e criatividade.

O cuidador Arteterapeuta, do outro, abraça com delicadeza os medos e angústias, enxuga as lágrimas com palavras de conforto, mesmo sabendo que o dia de amanhã poderá ser mais difícil. Ao caminhar lado a lado, ri com o outro e é capaz de imaginar caminhos nunca antes percorridos e descobrir mundos coloridos onde tudo é possível. (TOMMASI, 2011, p. 19).

No final do estágio constata-se que M1 apesar sua situação indefinida no abrigo com poucas chances de ser adotado, o que lhe confere um grande sofrimento psicológico, tem estado mais calmo e suas produções refletem o seu desejo, vitalidade e energia psíquica de ser adotado e ter uma família com pai e mãe. F1 também tem estado mais sociável durante as atividades e com os colegas, mas quando algum destes retorna a sua família, como ocorreu recentemente, sente-se frustrada e sem forças. Nestes dois casos, a atuação de um arteterapeuta é essencial para acolher os sofrimentos com amor e abrir espaço para as expressões criativas, sem esquecer de ver a situação objetivamente, onde a adoção ou retorno ao lar de origem é muito difícil.

Os objetivos que foram propostos que incluem estimular possibilidades, auxiliar no desenvolvimento do processo imaginativo, simbólico e expressivo; foram atingidos.

Desenvolver este estágio foi muito gratificante, contribuiu muito para a minha formação como arteterapeuta e psicólogo.

## Referências

ACAMPORA, Beatriz; ACAMPORA, Bianca. **170 Técnicas Arteterapêuticas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ASSIS, S. G. de; FARIAS, L. O. P., orgs. **Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviço de acolhimento**. São Paulo: Hucitec, 2013. Disponível em: <[http://bibliotecacrescersemviolencia.org/pdf/3\\_acolhimento/C5\\_Levantamento\\_nacional\\_CeA\\_em\\_acolhimento\\_Faria\\_Assis\\_2013.pdf](http://bibliotecacrescersemviolencia.org/pdf/3_acolhimento/C5_Levantamento_nacional_CeA_em_acolhimento_Faria_Assis_2013.pdf)>, acesso em 27/03/2017.

BÖING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida. **Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção**. Estudos de Psicologia, Campinas, v.21, n.3, p.211-226, setembro/dezembro 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n3/v21n3a06.pdf>>, acesso em 27/03/2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números. 27ª edição. Rio de Janeiro, José Olympo, 2015.

CHRISTO, Edna Chagas; SILVA, Graça Maria Dias. **Criatividade em Arteterapia: pintando e desenhando, recortando, colando e dobrando**. Rio de Janeiro: Walk, 2009.

DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS. **Significado dos símbolos e simbologia**. Símbolo. Disponível em: <http://www.dicionariodesimbolos.com.br/>), acesso em 27/05/2015.

FLORISTÁN, Casiano. **Celebrações da comunidade**. Ano Litúrgico/Sacramentos Diversos. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FONTANA, David. **A Linguagem dos símbolos**. Um compêndio visual para os símbolos e seus significados. São Paulo: Madras, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Edição, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEXIKON, Herder. **Dicionário dos símbolos**. 15a ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2013.

MELO, Walter. **O simbolismo da casa e a música: imaginação e memória**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, volume 1, número 1, 2001. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7692/5708>>, acesso em 27/03/2017.

REIS, Sílvia Marina Guedes. **150 ideias para o trabalho criativo com crianças de 2 a 6 anos**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. **Arteterapeuta um cuidador da psique**. São Paulo: Vetor, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pensando a Arteterapia com múltiplos olhares**. São Paulo: Vetor, 2012.

\_\_\_\_\_. MINUZZO, Luiza. **Origami em educação e Arteterapia**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2010.

TORRES, Ana Cláudia Afonso Valladares. **Arteterapia no cuidar e na reabilitação de drogadictos – álcool, crack e outras drogas: símbolos recorrentes**. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida. ISSN: 1809-2934. Associação Brasil Central de Arteterapia. Ano 7 - Volume 13 - Número 13 - Julho – dezembro – 2011.